

4. Cristo, princípio de toda renovação

“Amigo, a que vieste?” – “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?”
“Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo”!

Chamando-nos amigos e pedindo-nos que nos demos conta de que o sentido da nossa vocação é só este, Jesus, seguido por São Bento, São Bernardo e todos os Santos, ajuda-nos também a entender de onde renasce e se renova a nossa vocação. Para Pedro, tudo renasce quando consegue dizer “Tu” a Cristo confiando ao próprio Cristo a sua resposta ao chamado a amá-lo. É como se Pedro dissesse a Jesus: “Tu me chamas a ser teu amigo, o teu melhor amigo, a preferir-te acima de qualquer coisa e qualquer outra pessoa, a preferir-te acima de mim mesmo. Mas entendo que, se não peço a Ti este amor, esta amizade contigo, eu não posso garantir nada, não posso prometer-te nenhuma fidelidade. A minha fidelidade ao teu amor pode ser apenas o fruto do teu amor por mim, da amizade que me dás. A minha fidelidade, o meu amor, só os posso viver haurindo-os do teu amor, só os posso reedificar a partir da amizade que Tu me ofereces aqui e agora!”.

É como se aqui Pedro se recordasse de uma palavra que Jesus disse na última Ceia: “Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça. Eu assim vos constituí, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos conceda.” (Jo 15, 14-16).

Jesus não disse: “chamei-vos amigos”, como se nos desse um título. Ele o disse no sentido de que nos chama a ser partícipes daquilo que a Ele é mais caro: a sua comunhão com o Pai, a sua partilha de tudo com o Pai. Através da sua amizade, Cristo nos possibilita gozar de tudo aquilo que Ele tem em comunhão com o Pai. Dá-nos, portanto, o Espírito Santo, dá-nos todo seu Amor trinitário e tudo aquilo que este amor possui, quer, cria e ama: não só todo o universo, mas toda a humanidade, que é um dom pleno de responsabilidade e de compaixão, pleno de desejo de salvação de cada ser humano em Cristo. Na amizade de Cristo, podemos pedir tudo ao Pai. E não nos é dada somente a faculdade de *pedir* tudo, mas de *obter* tudo do Pai.

Tudo isso, Jesus nos oferece gratuitamente, é uma escolha sua, não nossa. Mas nos oferece, e isso significa que nos pede que o acolhamos como se acolhe uma amizade. Tudo nos é oferecido na amizade com Cristo. Mas podemos recusar tudo. Como? Recusando, como Judas, a amizade com o Senhor.

Pedro, acolhendo com humildade a oferta da amizade que traiu, vê que tudo nele se renova ao cêntuplo, que toda a missão para a qual Jesus o tinha escolhido se renova, renasce. Não mais por aquilo que ele faz, pelo que ele dá, mas graças à amizade que Jesus restabelece entre eles.

Depois deste diálogo, Jesus pede essencialmente duas coisas a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” e “Segue-me!” (cf. Jo 21, 17.19.22). O que significam? Significam que na troca de amor com Jesus a vocação e missão de Pedro se renovam totalmente. A única condição para realizar a sua missão será seguir o Senhor, ou seja, permanecer sempre com Ele, unido a Ele, em cada momento da sua vida, até a morte. Unido a Ele na amizade, isto é, com o coração.

É assim que devemos entender o que significa para nós a frase de Cristo no Apocalipse: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 5) e, portanto, como devemos abrir-nos à renovação de tudo e, em particular, da nossa vida seguindo a vocação monástica.

Durante a última Vigília pascal, que celebrei com as nossas monjas de Cortona, tocou-me particularmente a oração que se recita depois da leitura na qual o profeta Ezequiel anuncia que o Senhor nos dará um coração novo e um espírito novo: “Eu vos darei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Dentro de vós colocarei meu espírito, fazendo com que obedeçais às minhas leis e sigais e observeis os meus preceitos. Habitareis na terra que dei a vossos pais; sereis meu povo, e serei vosso Deus” (Ez 36, 26-28).

A oração diz:

“Ó Deus, potência imutável e luz que não tramonta, olhai com amor o admirável sacramento de toda a Igreja e realizai na paz a obra da humana salvação segundo o vosso desígnio eterno; para que todo o mundo veja e reconheça como o abatido se levanta, o envelhecido se renova e tudo volta à sua integridade original, por meio de Cristo, que é princípio de todas as coisas”.¹

É um texto da liturgia que exprime toda necessidade de renovação que sente a humanidade inteira, a Igreja, cada comunidade e pessoa em particular. De fato, quem não deseja que tudo aquilo que foi destruído pelo mal, pelo pecado, pela violência, pela ambição e pela ganância dos poderosos, pela guerra, possa ser reconstruído? Se pensamos nas imagens das cidades destruídas pelas recentes guerras; se pensamos na destruição moral das nossas sociedades, de tantas famílias, de tantos jovens; se pensamos na precariedade das instituições políticas, culturais, religiosas em todo o mundo; se pensamos no desmoronar de tantas comunidades eclesiais e religiosas, por infidelidade, por abusos, pelos desvios narcisistas de quem seria encarregado da sua edificação... Quanta necessidade de reconstrução há em toda parte!

Depois a oração menciona o envelhecimento, não só da idade e das forças, mas às vezes dos corações, da vontade, do entusiasmo pelos grandes ideais, o envelhecimento da paixão por Cristo, do “primeiro amor” que nos fez dizer sim com entusiasmo e desejo de correr em seu seguimento.

¹ Texto latino: “Deus, incommutabilis virtus et lumen ætérnum, respice propítius ad totíus Ecclésiæ sacraméntum, et opus salutis humanæ perpétuæ dispositiónis efféctu tranquillius operáre; totúsque mundus experiátur et vídeat deiécta érigi, inveteráta renovári et per ipsum Christum redíre ómnia in íntegrum, a quo sumpsére princípium”.

Mas a oração resume as experiências de destruição e de envelhecimento na perda de integridade, ou seja, de unidade e harmonia. A perda da unidade harmônica da nossa vida, das nossas comunidades, da humanidade, é a experiência que nos faz sentir mais frágeis, mais perdidos. É a condição que enche o coração de Jesus de compaixão vendo as multidões “como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36). A experiência, ou seja, de dissipação, de desintegração do coração, da vida e de tudo aquilo que constitui a vida. Ou então a perda de unidade e comunhão entre os povos, dentro dos próprios povos, mas também dentro da Igreja, das comunidades, das famílias carismáticas, das Ordens. As realidades que tempo atrás estavam unidas, íntegras, harmônicas, talvez graças à guia de um bom pastor, se desfazem, se desintegram porque cada um vai para o seu lado, busca o próprio interesse, o próprio pequeno poder, a própria glória.

O que pode trazer de novo à unidade harmônica tudo aquilo que se desintegrou? O que pode restituir ao mundo humano a sua unidade, a sua integridade?

A oração da Igreja vê exatamente nisso a vitória de Cristo ressuscitado. Deus previu desde sempre salvar a humanidade com a morte e ressurreição de Cristo, através do “admirável sacramento de toda a Igreja”, através do mistério da Igreja que guarda, anuncia e transmite a salvação universal em Cristo Senhor.

A oração da Vigília pascal que estamos meditando nos anuncia que a salvação que Deus opera é o mistério da ressurreição de Cristo que se comunica à realidade humana através da vida da Igreja. Jesus Cristo pela sua morte e ressurreição se torna o princípio, a fonte de uma renovação impossível da realidade humana: “o abatido se levanta, o envelhecido se renova e tudo volta à sua integridade original, por meio de Cristo, que é princípio de todas as coisas”.

O Ressuscitado é o princípio e o meio de toda renovação, de toda reconstrução, de todo rejuvenescimento, de todo restabelecimento da unidade integral de tudo o que é humano, a partir dos nossos corações, das nossas relações, das nossas comunidades.

Tudo, de fato, tem necessidade de ressurreição, mas só Cristo ressuscitou e só Ele é o princípio, a fonte de toda renovação para nós e para todos.

A fé nos deve fazer acreditar não só na Ressurreição como se fosse uma realidade isolada, mas na Ressurreição que com o dom da presença do Senhor renova o mundo, ressuscita tudo aquilo que o homem com o pecado destruiu e desintegrou. A renovação de que temos necessidade é aquela que só Cristo pode operar como Princípio de todas as coisas.